



ENTRE DIVERSIDADE E NORMATIVIDADE: *o exemplo de Atalanta*

Rafaela França da Silva

rafaelafranca@id.uff.br

Mestranda em História (NEREIDA/PPGH-UFF)

Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior
(CAPES)

Orientador: Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (NEREIDA/UFF)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar o caso de Atalanta. Sua figura remete a um dos exemplos de performances de gênero fluídas presente no imaginário grego, visto que Atalanta transitava nas fronteiras do masculino e feminino, rompendo com o discurso normativo de gênero daquela sociedade. Para as mulheres, dizia-se que o casamento era obrigatório e inevitável, assim como a geração de filhos para dar continuidade à pólis. Dessa forma, Atalanta foge à regra quando decide permanecer virgem, cultuar Ártemis e praticar atividades que eram consideradas masculinas, como a caça e os esportes. Contudo, ao mesmo tempo que o exemplo de Atalanta atesta a diversidade nas performances de gênero presentes na Atenas Clássica, ela também é usada pelo discurso normativo para evidenciar que era impossível fugir do papel estabelecido para a mulher naquela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; normatividade; diversidade; Atenas; mitologia.

ABSTRACT: The present article aims to analyze the case of Atalanta. She is one of the examples of gender performances present in Ancient Greek. Atalanta transited the boundaries of masculine and feminine, breaking with the normative gender discourse of that society. For women, as they said, marriage was inevitable, as well as being a mother. Thus, Atalanta escapes

the rule when she decides to remain a virgin, worship Artemis and practices activities that were considered masculine, such as hunting and sports. However, while the example of Atalanta attests to the diversity in gender performances present in Ancient Greece, it is also used by normative discourse to show that it was impossible to escape the role established for women in that society.

KEY-WORDS: gender; normativity; diversity; Athens; mythology.

GÊNERO E NORMATIVIDADE

O presente trabalho tem como objetivo discutir a questão da diversidade nos comportamentos de gênero a partir do exemplo de Atalanta, uma figura mitológica grega que fugiu dos padrões normativos de gênero. Procuramos evidenciar como o discurso regulador ateniense no período clássico utilizava seu caso como pedagógico para demonstrar à sociedade, sobretudo, às mulheres, que é impossível não seguir o caminho estabelecido para esse gênero: casar-se e ter filhos.

Seguimos, nesse artigo, os pensamentos de Judith Butler. Segundo a autora, o gênero “não deve ser construído como uma identidade estável [...] em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos.” (BUTLER, 2003, p.200). Assim, o gênero possui uma noção de performance: o ato de moldar o próprio corpo de acordo com normas, condutas e gestos. Butler evidencia a existência de uma ação reguladora que dita quais performances são corretas para cada gênero. Esse é constituído por uma estrutura binária¹, e, na política normativa, há o dever

¹ “O binarismo de gênero é um sistema cultural que se estabelece pela manutenção da tradição e das convenções patriarcais, instituindo os significados de homem/mulher, macho/fêmea, corpo, sexo e gênero. A relação entre os polos opostos do sistema binário, regida pelo desejo, homologa-se por dogmas religiosos e pela estrutura jurídica e resguarda regimes de poder que sobrelevam o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória, a chamada norma hétero [...]” (MEDEIROS, J. W. de M., 2019, p.94).

de seguir os atos performativos ideais, com risco de punição (BUTLER, 2003, p.198-201; RODRIGUES, 2015, p.179-80).

Butler (2003, p.197-201) salienta que essa normatividade performativa também possui o objetivo de ocultar as diversas possibilidades de performances de gênero. A autora ressalta a força da fluidez das expressões do gênero, em suas performances, uma vez que, de maneira intencional ou não, as pessoas rompem com as barreiras, transitando entre fronteiras e criando performances ambíguas e misturadas. Brian Kibuuka também atesta esse aspecto. Aliando-se à Butler, ele argumenta que as normas de gênero e, conseqüentemente, a heteronormatividade² são “a confissão da existência da diversidade e das performances de gênero que ela[s] tenta[m], sem sucesso absoluto, censurar, reprimir, discriminar e punir.” (2021, p.34).

A questão de Atalanta e sua diversidade na performance de gênero também se inclui nos rituais de iniciação. É importante frisar que esses ritos eram responsáveis por preparar os jovens para a vida adulta e oficializar sua entrada na pólis como cidadãos. A principal característica desses é a liminaridade. Jean-Pierre Vernant argumenta que os jovens helenos, durante essa fase, ocupavam “[...] uma posição liminar, incerta e equívoca, na qual ainda não estão claramente determinadas as fronteiras que separam os meninos das meninas, os jovens dos adultos, os animais dos homens. Flutuam e oscilam de uma condição a outra” (VERNANT, 1988, p.21).

Apesar dessa ruptura com a fixidez e maior abertura para as margens e fluidez das identidades durante as cerimônias de iniciação, isso não era bem visto pelos atenienses do período clássico. O objetivo do discurso normatizador era que, após a passagem para a vida adulta, a flutuação fosse encerrada e os papéis de cada um fossem devidamente estabelecidos e respeitados. Assim, os meninos deveriam ser hoplitas e as

² Entendido como um mecanismo de imposições e normas sociais que visam regular o comportamento de gênero e sexual das pessoas, atingindo até mesmo pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo (KIBUUKA, 2021, p.33)

meninas mães e esposas. Essa fixação das identidades e seu discurso legitimador eram feitos também através do discurso de selvageria e civilidade, ou seja, por meio da noção de alteridade entre o Eu e o Outro.

ATALANTA

Atalanta era uma jovem oriunda da Arcádia ou da Beócia. Depois do seu nascimento, ela foi exposta pelo pai, sendo abandonada na floresta. Foi salva e amamentada por uma urso até que um casal de caçadores a achou e a criou. Devido a essa configuração familiar, Atalanta decidiu permanecer nos bosques e tornou-se uma caçadora e devota de Ártemis. Tal como a deusa, ela tinha aversão a homens e desprezava o contato com eles, decidindo permanecer virgem (PEREIRA, D., 2018, p.201; Hes. Cat. 72-76; Apollod., Bibl., 1.8.2, 1.9.16; Paus. 8.35.10).

As narrativas mitológicas mais famosas que envolvem a figura de Atalanta e que serão analisadas aqui são a caçada ao javali de Cálidon e a corrida nupcial contra Hipomenes. Por meio delas, notaremos os aspectos centrais que estão sendo discutidos: normatividade e diversidade, selvageria e civilização e o Eu e o Outro. Além disso, compararemos Atalanta com um personagem que pode ser considerado sua versão masculina: Hipólito.

Para Barringer, Atalanta “surge como representação da ambiguidade e da liminaridade, combinando aspectos masculinos e femininos, de grega e estrangeira” (1996, p.49, tradução nossa). Ela insere-se nos ritos de iniciação destinados para cada gênero, nos masculinos – a caça, o atletismo e treinos militares – e nos femininos – corridas e danças em honra a deusas como Ártemis, Hera e Afrodite, além do próprio casamento.

Para Daniela Pereira (2017, p.205), parte dessa ambiguidade resulta na preferência de Atalanta em permanecer virgem, uma vez que essas são sempre representadas tendo comportamentos masculinos e

correlacionadas aos efebos, apesar das diferenças sexuais. Barringer (1996, p.49; p.60) complementa essa afirmação, alegando que Atalanta possuía o epíteto “semelhante a um homem”³. Esse que também era usado para se referir às amazonas e às mênades, figuras mitológicas que aparecem igualmente associadas à Atalanta na imagética.

Assim como as amazonas, as mênades eram mulheres caçadoras, arqueiras, devotas de Ártemis e que possuíam uma sociedade invertida aos olhos dos gregos – um matriarcado. Na arte imagética presente nos vasos gregos, Atalanta é desenhada com trajes associados a essas mulheres lendárias, portando um manto de leopardo. Em outras imagens, ela aparece vestindo um quiton⁴ curto acima dos joelhos tal como Ártemis e também é demonstrada carregando um arco como uma arqueira da Cítia, outro território considerado bárbaro (BARRINGER, 1996, p.59-60). Dessa forma, percebemos que Atalanta também carrega símbolos estrangeiros, os quais corroboram para sua alteridade.

CAÇA AO JAVALI DE CÁLIDON

A narrativa e a temática dos vasos, produzidos no período clássico e posterior relacionados à Atalanta é, principalmente, o mito da caça ao javali de Cálidon. O governante desse território realizou um sacrifício após uma caça bem-sucedida, porém esqueceu de agradecer a Ártemis pela empreitada. A deusa, furiosa com a atitude, enviou um javali selvagem para devastar a cidade. O rei, portanto, chamou seu filho, Meleagro, e lhe deu a missão de caçar e matar o animal. Ele reuniu heróis famosos gregos, tais como Jasão, Teseu, Castor, Pólux e Peleu, mas também seus tios maternos. Atalanta também foi convocada e deu o primeiro golpe no javali; contudo

³ A autora escreve “man-like” no texto original, a tradução usada acima foi feita de forma livre.

⁴ Trata-se de uma vestimenta feminina, usada principalmente por meninas virgens até a finalização do rito de passagem para a vida adulta. É uma roupa com comprimento até os joelhos e sempre relacionada à deusa Ártemis. (BARRINGER, 1996; VERNANT, 1988)

quem o matou foi Meleagro. Ele, por sua vez, decidiu dedicar todos os espólios da caça para Atalanta, mas isso irritou seus tios. Como resposta, o príncipe de Cálidon matou um dos tios e, logo depois, Meleagro foi morto pelo tio que sobreviveu (BARRINGER, 1996, 53; Apollod., Bibl.1.8.2-3; Eur. fr.515-522)

Como Colombani (2012, p.227) lembra, a caça fazia parte dos ritos iniciáticos masculinos, pois constituía-se o momento de construção da virilidade dos homens. Barringer (1996, p.50), explicando sobre o funcionamento da caça e sua conexão com os ritos de passagem, alega que existiam dois tipos de caçadas: a imatura e madura⁵. Na primeira, o adolescente ia sozinho à floresta, durante a noite, e caçava os animais portando redes e armadilhas. Já a segunda era uma ação coletiva, onde os adultos participavam como líderes e era feita na luz do dia e as armas utilizadas geralmente eram arco e flecha, espadas, machados, entre outros.

A caçada ao javali de Cálidon insere-se na segunda classificação, uma vez que há um grupo que vai atrás do animal e conta com a presença de adultos, enquanto Meleagro é retratado nesse mito como um adolescente. Portanto, Barringer (1996, p.58-59) conclui que era a caçada inicial do jovem e a presença dos seus tios maternos reforçaram isso, visto que caçar acompanhado dos parentes era muito comum nos ritos iniciáticos.

No período clássico, Eurípides escreveu uma peça trágica envolvendo a caçada ao javali de Cálidon. Quem realizou a tradução dos fragmentos dessa peça a qual usaremos como referência foi Daniela Pereira (2017, p.25-28). Um dos elementos centrais da trama euripídiana é a discussão da possível participação de Atalanta na caçada ao javali, onde Meleagro insiste que a jovem seja inserida, contudo, a mãe do jovem, Alteia, é contra essa decisão.

⁵ Traduções feitas livremente a partir de "immature" e "mature", termos usados no texto original.

Na passagem a seguir, Alteia acreditava que o casamento entre Meleagro e Atalanta seria um erro, visto que o comportamento de Atalanta não era compatível com as atitudes de uma mulher ideal, pois Atalanta não se restringia ao ambiente doméstico: “é necessário que fique dentro de casa a esposa digna; fora de portas não tem valor nenhum.”⁶ (Eur., fr. 521). Nesse trecho, é possível perceber a propagação do discurso normatizador de gênero da Atenas Clássica sobre o papel feminino. Na visão idealizada proposta pelos homens, as mulheres deveriam ser responsáveis pela manutenção da casa e pelo cuidado e criação dos filhos legítimos, enquanto o espaço público deveria ser destinado exclusivamente aos homens⁷.

Alteia, na peça, idealiza e defende o papel de esposa ideal⁸, uma vez, a partir de leituras de outras obras euripidianas⁹, percebemos que as personagens femininas que são representadas como boas esposas sempre criticam outras mulheres que burlam esse papel. Na fala a seguir, temos o exemplo disso: “Odeio toda a mulher – de todas, a ti sobretudo – que te dedicas a trabalhos inúteis [...]” (Eur., fr. 528). Alteia interpretou assim as atividades empreendidas por Atalanta, pois, no seu entendimento, o dever maior de uma mulher era gerar um filho (de preferência homem) e a caça e o atletismo (atividades atribuídas ao gênero masculino) não iriam contribuir para que isso se realizasse.

⁶ Tradução de Daniela Filipa Dos Santos Pereira (2017).

⁷ Importante mencionar que essa organização de funções se trata exclusivamente parte de um discurso, algo propagado pelo imaginário masculino da época e não refletia necessariamente na realidade da pólis ateniense no período clássico. Autores nacionais como Marta Mega de Andrade (2000) e Edson Moreira Guimarães Neto (2018) demonstram em seus respectivos trabalhos como as esferas de atuações femininas eram mais flexíveis, não ficando restritas ao espaço doméstico.

⁸ Importante também pontuar que esse papel, de boa esposa,, era voltado, principalmente, para as mulheres nobres.

⁹ Em *Hipólito*, no monólogo de Fedra, percebemos esse discurso contra mulheres que transgridem a regra, uma vez que Fedra deseja que as adúlteras tenham o pior destino, assim como também afirma que essas mulheres são as causas para a destruição da ordem doméstica (Eur, Hipp., 373-430). Em *Ifigênia em Áulis*, durante o monólogo de defesa de Cliteminestra contra Agamêmnon, ela se porta de acordo com o modelo ideal de esposa e também critica mulheres que fogem à norma, especialmente o ódio direcionado à Helena (Eur. IA, 1146-1208)

Ao saber que Meleagro matou os próprios tios por conta de Atalanta, Alteia “vai buscar o tição ao qual as Moirai ligaram a vida de Meleagro à nascença, que havia guardado dentro de uma arca, e deixa-o arder até ao fim, pondo termo à existência do filho” (PEREIRA, 2017, p.27). Assim, podemos dizer que Alteia matou seu filho, pois ele havia cometido um assassinato familiar e por acreditar que ele queria trazer desonra a sua família ao casar com Atalanta, uma mulher bárbara. Alteia era uma mulher que seguia um comportamento normativo de gênero e aquela atitude de seu filho era indigna, iria acabar com a reputação da família; portanto, em sua visão, ele deveria ser punido.

Dessa forma, nos perguntamos, tal como faz Judith Barringer, por que a caça iniciatória de Meleagro terminou malsucedida? A resposta oferecida pela autora é que a participação de Atalanta, ou seja, a presença feminina, em uma atividade exclusiva para homens, causou sua ruína (BARRINGER, 1996, p.59). Para o discurso normatizador de gênero que circulava em Atenas do período clássico, as mulheres deveriam ficar trancadas em casa, saindo apenas para festivais religiosos e obrigações familiares e o aconselhável seria sempre estar acompanhada por algum homem.

Para os atenienses do período clássico, as únicas mulheres que participavam de caçadas eram aquelas que não estavam inseridas na civilização, tais como as amazonas e as mênades, figuras femininas vistas como bárbaras e perigosas. Como já comentamos aqui, Atalanta é sucessivamente comparada a elas na imagética clássica, assim, a presença de uma mulher como ela em uma caça executada por homens gregos e civilizados desestabilizou a ação, culminando nos assassinatos (BARRINGER, 1996, p.60-61).

Dessa forma, tal como Hesíodo, em Trabalho e os Dias, que apresenta Pandora (uma mulher) como responsável por todos os males do mundo (Hes., Op, 90-105), Atalanta também é considerada como a causadora dos malefícios a Meleagro, isto é, uma mulher que não seguia

as performances normativas do seu gênero ocasionou a destruição de um homem e, conseqüentemente, de uma família inteira.

Outros comportamentos errantes de Atalanta, na visão de Barringer (1996, p.61), também resultaram no fracasso da caçada inicial de Meleagro, ao mesmo tempo que culminaram na bem-sucedida iniciação da jovem. Foi um sucesso sua caça, pois ela deu o primeiro golpe no javali perseguido e ficou com os espólios da caçada. Ela completou o rito que Meleagro deveria ter feito, mas esse deixou que o amor o cegasse. Atalanta, assim, ficou em seu lugar, fazendo a passagem que deveria ser dele. Dessa forma, houve uma inversão nos papéis de gênero: Atalanta agiu como um efebo, e fez o ritual de passagem que deveria ser do sexo masculino.

Entretanto, ela executou essa missão como uma estrangeira, portando arco de Cítia, com roupas semelhantes àqueles de mulheres bárbaras e caçou sozinha, algo que os gregos adultos não faziam – comportamentos desviantes que marcam Atalanta como a Outra – ao mesmo tempo que performou rituais iniciáticos como uma grega. Resumindo, “a aparência de Atalanta e suas ações a marcam como uma caçadora imatura, efebo, como liminar, integrante da sociedade e também como uma amazona, caçadora e devota de Ártemis, isto é, uma estrangeira.” (BARRINGER, 1996, p.62, tradução nossa). Portanto, Atalanta é uma figura ambígua que marca em sua essência o estrangeirismo e uma identidade helênica, respectivamente, o selvagem e o civilizado. Essas posturas desarmonizam o ritual de caça de Meleagro, resultando na sua morte.

Permanecer virgem não foi algo que Atalanta alcançou em suas narrativas mitológicas. De acordo com Eurípides em *As Fenícias*, do encontro da jovem com Meleagro, nasceu Partenopeu, o qual também foi exposto ao nascer, pois a jovem não queria que soubessem que tinha deixado de ser virgem. Este rapaz é citado por esse tragediógrafo como um dos setes que marcharam contra Tebas (Eur. *Phoen.*, 150-51; 1104-05).

A CORRIDA CONTRA HIPOMENES

Em outro mito associado à Atalanta, ela também se uniu a um homem, casando-se a contragosto. O maior objetivo dessa personagem era fugir do matrimônio e, por conta disso, ela desafiou seus pretendentes a uma corrida: aquele que vencesse poderia se casar com ela; entretanto quem perdesse seria assassinado pela jovem (Hes., Cat, 47-48). Pierre Grimal (2000, p.51) complementa esse argumento ao afirmar que Atalanta permitia por um tempo que seus pretendentes ficassem a sua frente durante a competição para depois persegui-los com uma lança, acertando-os assim que os ultrapassava, executando-os imediatamente. Nas fontes helenísticas e romanas (Apollod.3.9.2; Ov. Met. 10.560-680; Hes., Cat., 47-48), as quais reúnem os mitos de Atalanta, a jovem é quem detém o protagonismo da competição, criando-a e aticando os pretendentes. Além disso, Barringer (1996, p.72) ressalta que as corridas faziam parte dos rituais pré-nupciais gregos, tais como *arkteia*¹⁰ em Bráuron, dedicados a Ártemis. A corrida de Bráuron era importante para a finalização do rito de passagem da adolescência para a vida adulta, portanto, de certa forma, a corrida de Atalanta contra os pretendentes teve o intuito de fazê-la atravessar – de maneira forçada – a fronteira para o civilizado (à idade adulta).

O pretendente que conseguiu derrotar Atalanta foi Hipomenes ou Melânion, dependendo das versões¹¹. O jovem somente ganha por ter obtido ajuda de Afrodite. A deusa lhe deu três maçãs douradas (Ov., Met. 10-644-50¹²), cuja origem ou era do seu santuário em Chipre ou oriundas

¹⁰ O termo *arkteia* vem da prática de imitar ursas como parte dos ritos de iniciação em Brauron, em homenagem a Artemis Brauronia, e uma atividade final era a corrida, em que realizavam nuas e elas tiravam suas vestimentas para terminarem a corrida, simbolizando que deixaram para trás -junto com suas roupas- o status ambíguo de adolescente e passaram a ser mulheres adultas e fixas (SOURVINOU-INWOOD, 1988, p.121).

¹¹ Os autores que citam Hipomenes como o pretendente: Hes., Cat., 74; Eur., Ph.150; Ov., Met.10.575-680. Já as fontes que descrevem o pretendente como Melânion são: Apollo. 3.9.2.

¹² Sabemos que algumas das fontes utilizadas nesse artigo são posteriores aos períodos aqui analisados, contudo, em nossa visão, elas compõem o imaginário greco-romano. Apesar de chegarem a nós apenas nesses escritos, não quer dizer necessariamente que tais narrativas não circulavam nos períodos aqui analisados.

dos Jardim das Hespérides. No momento da corrida, Hipomenes ou Melânion jogava uma maçã de cada vez no chão para distrair Atalanta, que sempre diminuía sua velocidade para poder pegar e admirar as frutas. Com esse truque, o rapaz ganhou a competição e, conseqüentemente, conquistou o matrimônio com Atalanta (BARRINGER, 1996, p.71-72; GRIMAL, 2005, p.51; PEREIRA, D., 2016, p. 203-204).

Como enfatizam Pereira (2016, p.206) e Barringer (1996, p.72), a corrida para pedir a mão de uma donzela em casamento é um tópos comum na mitologia grega. Um exemplo disso é o caso de Pélops e Hipodâmia. A competição de Atalanta contra os pretendentes também relembra outras perseguições mitológicas a donzelas, como a de Peleu contra Tétis. Em todos os casos, o final sempre é o mesmo: casamento. Barringer (1996, p.73) compara a perseguição com a própria caça, afinal ambas tinham uma dinâmica parecida: o rapaz dava o primeiro golpe em sua presa (animal ou donzela) e, logo em seguida, entrava em confronto com ela. Portanto, é possível perceber que a mensagem por trás desses mitos era bastante objetiva e pedagógica: a domesticação da virgem selvagem feita pelo homem civilizado era algo inevitável. Ninguém conseguia escapar desse final.

A corrida contra Hipomenes também pode ser lida como um duplo ritual de iniciação. Para o rapaz, tratou-se de sua primeira caçada adulta e para Atalanta, foi seu rito pré-nupcial. Assim como nas corridas de iniciação de Brauron e Olímpia, Atalanta se casou logo depois da competição. Logo, ambos estavam, cada um do seu jeito, cumprindo seu papel na passagem para a vida adulta. Entretanto, como Atalanta é uma figura limiar e ambígua, ela também executou o ritual masculino nessa corrida, isto é, ela caçou (perseguiu) seus pretendentes. Desse modo, ao mesmo tempo, “ela agiu como um modelo de caçadora, como noiva na caçada de iniciação. [...] Atalanta pode ser a perseguidora ou a perseguida, a caçadora ou a caça.” (BARRINGER, 1996, p.73, tradução nossa).

Assim, é possível perceber que Atalanta transitou entre as duas esferas de gênero, participando dos rituais femininos e masculinos simultaneamente. Ela atravessou, burlou e quebrou as barreiras de gênero por meio do seu jeito único. No entanto, apesar dos seus esforços, ela foi sempre derrotada pela força civilizatória do homem grego, ou seja, “a sua feminilidade supera-a e ela prostra-se à ordem masculina” (PEREIRA, D., 2017, p.55). Resumindo, essa narrativa mitológica corrobora com o discurso normativo de gênero que circulava no período clássico ao propagar que não pode fugir do papel atribuído ao feminino: casamento e geração de filhos.

Atalanta, ao passar pelo ritual nupcial, teve também uma morte metafórica, abandonou sua vida como adolescente, virgem, selvagem e indomável e renasceu como uma mulher adulta, tal como acontecia com todas as noivas em Atenas do período clássico. Se, por um lado, ela provocava a morte física dos pretendentes durante a corrida, por outro, ela teve a sua, de forma metafórica, ao ser vencida por Hipomenes ou Melânion, e, conseqüentemente, sendo derrotada por Eros e Afrodite. Sendo assim, ela, seduzida pelas maçãs douradas, aceitou a contragosto a união sexual com seu marido (BARRINGER, 1996, p.74), da mesma forma que as romãs obrigaram Perséfone a se casar com Hades (Hom., Hom. Hymn Dem., 370-75)

As maçãs douradas de Afrodite, portanto, constituíram um papel essencial para a domesticação de Atalanta. Segundo Pereira, a palavra *Mélón* utilizada no mito da corrida nupcial pode se referir à maçã ou romã, os quais são frutos associados à fecundidade (2017, p.55). Christofer Faraone (1990, p.219-243) aponta que esses objetos apareciam em diversos mitos que envolviam uma garota em seu casamento, como, por exemplo, a relação de Perséfone e Hades ((Hom., Hom. Hymn Dem., 359-80). As sementes de romã, nos rituais de casamentos, eram lançadas nos noivos, numa alusão a esse casal mítico. O autor também sugere que a maçã ou romã era utilizada para despertar o desejo sexual nas mulheres.

Em Atalanta, despertou a curiosidade (desejo sexual, talvez, também?) e em Perséfone foi o que a ligou eternamente a Hades e ao submundo. Ambas, portanto, conformaram-se com o laço sexual por meio da fruta.

HIPÓLITO E ATALANTA

As questões da normatividade e da diversidade nas performances de gênero também aparecem em um personagem mitológico que podemos considerar como versão masculina de Atalanta: Hipólito. Na peça euripidiana Hipólito, ele possui traços muito semelhantes aos dela, e é construído por meio dos estereótipos atribuídos a pessoas virgens na Grécia do período clássico. Se, em Atalanta, notamos um forte teor de misandria, em Hipólito, há uma evidente misoginia e o protagonista deixa isso bem claro em uma das suas falas: “Minha ojeriza por mulher é sem tamanho, mesmo se disserem que me repito. Elas, idem: vis! Ou lhes ensinam o que é sensatez ou me permitam sempre atropelá-las.”¹³ (Eur. Hipp., 664-68). Como aponta Ana Carolina Borges (2008, p.11), Hipólito entende as mulheres como seres que foram criadas apenas para despertar o lado erótico e perverso dos homens, trazendo caos e desgraça para o mundo.

A cor do cabelo também é um aspecto compartilhado por ambos. Atalanta é descrita como loira (Ov. Met. 10.560-680; Hes., Cat., 47-48), assim como Hipólito (Eur. Hipp., 1040). Não somente eles, como também Ifigênia, Ártemis e as Amazonas. Portanto, fica evidente que essa coloração remonta a personagens virgens míticos e, como Lindau destaca (2014, p.90), essa cor (mais especificamente puxada para o branco) era associada à pureza e castidade. É por esse viés que Eurípedes constrói a virgindade de Hipólito. De acordo com Borges, o protagonista “ressalta que a castidade é um instinto raro e que só ele, como mortal, possui tal qualidade” (BORGES, 2008, p.8). Lindau acrescenta que, nessa peça, a virgindade,

¹³ Tradução de Trajano Vieira (2015).

além de ter o aspecto físico e designar um status social, significa também um status de pureza (LINDAU, 2014, p.86).

A virgindade na concepção de Hipólito está imbuída de conceitos como bom senso, virtude, castidade e, principalmente, a razão. Giuliana Ragusa (2003, p.90) expõe que, na Grécia, havia uma compreensão de que o amor retirava o elemento racional da pessoa, fazendo com que ela agisse por meio de impulsos. Para Hipólito, aqueles que preservavam a castidade estavam blindados dos poderes errantes de Afrodite e Eros (Eur., Hipp., 680-81). A partir do discurso de gênero, é possível entender que Hipólito estava cometendo o mesmo erro de Atalanta: venerar excessivamente Ártemis (castidade) e renegar Afrodite (lado sexual)

Em outras palavras, Atalanta e Hipólito estavam negando um papel normativo: casamento e reprodução. Indo mais além, estavam renegando um passo importante para a civilização ateniense clássica, isto é, a passagem da infância/adolescência para a vida adulta. Ações desmedidas e que furavam a política normativa do gênero como essas são temíveis e deveriam ser rejeitadas, contidas e punidas.

Desse modo, é Afrodite quem exerce esse papel de controle em ambos os casos. Em Hipólito, a deusa arma um plano que culmina na morte do rapaz; já para Atalanta, ela prepara o estratagema que será fundamental para concretizar o matrimônio da jovem. É importante perceber que Eurípedes deixa bem claro nessa tragédia um pensamento oriundo da normatividade de gênero que circulava em Atenas do período clássico: ninguém escapa dos poderes de Afrodite (aqui, sendo representação da vida adulta e sexual) e aqueles que a renegam devem ser castigados. Percebemos isso através da fala do coro feminino em diálogo com Fedra: “Não se desvia da aparição de Cípris. Serenidade empresta a quem a acolhe, mas quando se depara com altivo, o dissabor que causa nem cogitas.” (Eur. Hipp, 443-45)

Hipólito é alertado por um servo sobre seu erro, entretanto, continua com sua postura inatingível e reforça seu desprezo à Afrodite:

“Ímáculo, é de longe que a saúdo” (Eur. HIPP. v. 102). Essa atitude tida como soberba pelo próprio enredo¹⁴ faz Hipólito ser o grande catalisador da sua própria morte, como enfatiza Maria Helena da Rocha Pereira (1993, p. 426). Ao declarar publicamente seu ódio à Afrodite, ele abre a brecha para a deusa agir, assim como fez com Atalanta. Ao tentar burlar o casamento, criando como estratégia a corrida mortífera com seus pretendentes, Atalanta permitiu que Afrodite tivesse uma prerrogativa para se vingar da jovem, executando outra artimanha para que o destino atribuído às mulheres fosse cumprido: o casamento. Assim, Afrodite, nessas tramas, agiu como agente normativa da pólis, a qual sempre procurou punir aqueles que transgridem as normas de gênero.

Ademais, da mesma maneira que Atalanta é associada às amazonas, Hipólito também é. Em sua essência genética, há um embate entre o civilizado e o selvagem. Seu pai é um famoso herói cívico ateniense, Teseu, aquele que domou uma amazona¹⁵ e esta tornou-se a mãe de Hipólito (Eur., Hipp., 10-15). Desse modo, Hipólito é a materialização do triunfo da civilização ateniense (masculina) frente à selvageria oriental (feminina). Contudo, contrariando a herança de seu pai, Hipólito se assemelha à sua mãe e seu lado selvagem é ressaltado. Assim como as amazonas, ele é um caçador devoto de Ártemis e deseja permanecer virgem por toda sua vida (Eur. Hipp., 15-20). Entretanto, a superioridade civilizatória é a grande vencedora nessa peça, uma vez que Hipólito sai derrotado, morrendo devido às suas ações. Ele, portanto, como um exemplo pedagógico, do mesmo modo que Atalanta, visto que a virgindade é “essencialmente uma luxúria divina que nenhum mortal, homem ou mulher, pode escolher sem ser severamente punido” (LORAUX, 1992, p.21, tradução nossa).

¹⁴ Na mesma parte, o servo tenta alertar Hipólito sobre isso, afirmando que há uma lei dominante entre os seres humanos, a qual trata-se do “Ódio à soberba e ao que a gente odeie” (Eur. Hipp., 93)

¹⁵ Eurípides não menciona em Hipólito o nome da mãe do protagonista, sempre se referiu a Hipólito como “filho da Amazona”.

CONCLUSÃO

Portanto, podemos concluir afirmando que, por meio do caso de Atalante, ficou evidente que performances que fugiam à norma eram consideradas um grande perigo à ordem póliade, patriarcal e cis-normativa e, por isso, deveriam ser contidas. Assim, percebemos que as narrativas de Hipólito e Atalanta eram utilizadas pelo discurso normatizador de gênero para estabelecer os papéis ideais para cada gênero e seus finais trágicos serviam como exemplos de punição para qualquer performance que fugisse dos modelos idealizados.

Como esses modelos são idealizações criadas a partir de um discurso, eles não refletiam necessariamente no cotidiano ateniense do período clássico e cada vez mais a historiografia (ANDRADE, 2000; NETO, 2018; SANTOS, 2018) vem mostrando como as práticas dos atenienses se diferenciavam-se das pregadas pelo discurso –este elaborado por um grupo seleto de homens aristocratas– e por isso se utilizava das narrativas mitológicas para disseminar os comportamentos ideais e uniformizar as performances de gênero.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Apollod, Bibl. – Apollodorus mythographus, Bibliotheca (Apolodoro, Biblioteca)

Eur. Fr. – Euripides, Fragmenta

Eur. IA. – Euripides, Iphigenia Aulidensis (Eurípides, Ifigênia em Áulis)

Eur. Hipp. – Euripides, Hippolytus (Eurípides, Hipólito)

Eur. Phoen. – Euripides, Phoenissae (Eurípides, As Fenícias)

Hes. Cat – Hesiod, Catalogus mulierum (Hesíodo, Catálogo das Mulheres)

Hes. Op – Hesiod, Opera et Dies (Hesíodo, Trabalhos e os Dias)

Hom. Hom. Hymn Dem. – Homer, Homeric Hymn to Demeter (Homero, Hino Homérico a Deméter)

Paus. – Pausanias (Pausânias)

Ov. Met. – Ovid, *Metamorphoses* (Ovídio, *Metamorfoses*)

FONTES

APOLODORO. *The Library*. Vol. I. Texto estabelecido e traduzido por J. G. Frazer. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

EURÍPIDES. *Hipólito*. Edição bilingue, tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira -ensaio de Bernardo Knox, São Paulo: Editora 34, 2015.

EURÍPIDES. *Fragmenta: Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Texto editado por August Nauck. Leipzig: Teubner, 1889.

EURÍPIDES. *Ifigênia em Áulis. As Fenícias. As Bacantes: Tragédia Grega: vol.5*. Texto estabelecido e traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

HESÍODO. *Teogonia; Trabalhos e os Dias*. Texto estabelecido e traduzido por Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2014.

HESÍODO. *The Shield. Catalog of Women. Other fragments*. Vol. II. Texto estabelecido e traduzido por Glenn W. Most. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2007.

HOMERO. *Hinos Homéricos. Tradução, notas e estudo/ Edvanda Bonavina da Rosa [et al.]*: edição e organização Wilson Alves Ribeiro Jr. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

OVÍDIO. *Metamorfose*. Texto estabelecido e traduzido por Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Texto estabelecido e traduzido por William H. S. Jones. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marta Mega de. *A vida comum: espaço e cotidiano nas representações urbanas da Atenas clássica*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BARRINGER, J. M. *Atalanta as Model: The Hunter and the Hunted*. *Classical Antiquity*, vol.15, n.1, pp.48-76, abril de 1996.

- BORGES, A.C.S. Afrodite e Ártemis: Uma Dialética de Eurípedes. Revista do Sell, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, vol.1, n.1, 2008, pp.1-18.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- COLOMBANI, M.C. Artemisa: Las Delicias de Los Márgenes. Mismidad y Otedad En El Rostro De La Diosa.. IN: CANDIDO, M.R. [org.] Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora DG Ltda, 2012, pp. 219-236.
- FARAONE, C. A. Aphrodite's ΚΕΣΤΟΣ and Apples for Atalanta. Phoenix, vol.45, pp.219-243,1990.
- GRIMAL, P. Dicionário de Mitologia Grega e Romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- KIBUUKA, B. G. L. Mulheres masculinas, homens femininos: representações e identidades de gênero no teatro de Eurípedes. Tese (Doutorado em História Social) -Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021
- LINDAU, R. Artemis and Virginity in Ancient Greece. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade de Roma, Roma, 2014.
- LORAU, N. What is a Goddess? In: DUBY, G. & PERROT, M. [ed.] PANTEL, P. S. [ed.] A History of Woman: From Ancient Goddesses to Christian Saints. Harvard University Press, 1992, pp. 11-44.
- MEDEIROS, J. W. de M. "A flor de jacinto": e quando o/a professor/a é gênero não binário? Gênero, vol.19, n.1, pp. 93-111, 2019.
- NETO, E. M. G. Uma análise da vida cotidiana e dos espaços domésticos de Atenas (séc. VI-IV aC). Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos, n. 11, p. 20-42, 2018.
- PEREIRA, D. F. S. O Mito de Atalanta. Uma mulher no mundo masculino. Hélade, vol.4, n.3, pp. 200-209, 2018.
- PEREIRA, D. F. S. O mito de Atalanta: Das Fontes Clássicas à Recepção na arte ocidental. Dissertação (Mestrado) -Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra -PT, 2017.
- PEREIRA, M. H. R. Estudos de história da cultura clássica. Vol. I – Cultura grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- RAGUSA, G. Cólera, paixão e morte: a representação de Afrodite no Hipólito, de Eurípedes. Clássica- Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 15, n. 15/16, p. 79-98, 2003.

RODRIGUES, C. Butler e a desconstrução do gênero. Florianópolis: Estudos Feministas, vol. 13, n.216, pp.179-18, janeiro-abril de 2015.

SANTOS, Juliana Magalhães. Eros no oïkos: Relações de gênero e representações da espacialidade e da sexualidade feminina em Atenas do V século a.C. Tese (Doutorado em História Social) -Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018, 354p.

SOURVINOU-INWOOD, Christiane. Studies in girls' Transitions: Aspects of the Arkteia and Age Representation in Attic Iconography. Athenas: Kardamitsa, 1988.

VERNANT, J. P. A morte nos olhos: figurações do outro na Grécia Antiga: Ártemis, Gorgó. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.